

PROJETO: INCERTEZAS CRÍTICAS

DURAÇÃO: 26 MINUTOS

PERSONAGEM: Alain Touraine

BIOGRAFIA: Sociólogo francês, Alain Touraine é diretor de pesquisa do Escola de Estudos Avançados de Ciências Sociais.

INT. CASA DO TOURAINE / DIA

BLOCO 1

| | |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">NARRADOR</p> <p>Alain Touraine é um dos sociólogos mais respeitados do mundo. Autor de diversos livros, ele nos recebeu na sua casa em 2012 para falar das crises do capitalismo contemporâneo e de como isso pode levar a Europa à carástrofe.</p> <p style="text-align: center;">TOURAINE</p> <p>Eu não tenho certeza de que nos ajude muito falar de crise. Eu preferiria falar de uma doença, ou de uma decomposição, talvez até mesmo da morte. Eu vi no jornal hoje que um inglês que foi dos criadores do clube de Roma há muito tempo atrás, anunciou que não devemos voltar mais à sociedade de crescimento que tínhamos antes da crise, então seria na verdade muito mais do que uma crise, e de fato, a definição do estamos vivendo, a definição de base é que a maioria dos capitais são usados hoje, sem função econômica. "Sem nenhuma função econômica."</p> | <p style="text-align: center;">VINHETA DE ABERTURA</p> <p style="text-align: center;">VINHETA: "Crise ou fim do capitalismo?"</p> |
|---|--|

O que é de qualquer forma algo a contradição do capitalismo. O capitalismo é dizer "eu acumulo capitais para fazer investimentos", ou créditos, empréstimos à créditos por exemplo para casas. São funções econômicas, mas quando não há mais função econômica, o que é o caso para a maioria dos capitais, podemos ainda falar de capitalismo? Podemos ainda falar de investimentos? Podemos ainda falar de modernização ou de capacidade de transformação da sociedade? É de certa forma a destruição do que foi a nossa modernização ou nossa modernidade durante muitos séculos. Então é preciso aqui ter uma visão muito mais dramática, é inclusive a razão pela qual este livro foi organizado, este pequeno livro foi organizado ao redor desta pergunta "temos hoje ausência de reconstrução de uma sociedade, então decomposição e morte, até a catástrofe final, de queda em queda, ou será que há reinvenção de novas finalidades sociais, de novos atores sociais, de novos conflitos, de novos acordos e negociações sociais?" Pronto, então é dizer que são questões que são mais fundamentais do que uma crise. Deste ponto de vista, quase poderíamos dizer que a crise de 2008 é menos grave do que a de 1929, mas porque houve uma certa intervenção dos estados, que foi inclusive uma intervenção que escondeu a natureza profunda da crise. Porque o que

FOTO: Capa do livro "Após a Crise", de Alain Touraine

todo mundo fez em 2008? Demos dinheiro às empresas demos dinheiro aos bancos, aos particulares, os estados se endividaram formidavelmente para impedir que fosse como 1929. Mas agora nos encontramos com estas dívidas que aumentaram enormemente. Imaginem que a dívida americana é impressionante. A dívida americana é muito mais forte que a da Europa inteira. Tudo isto quer dizer que não resolvemos o problema, por enquanto nós o deslocamos, "postergado" um pouquinho, mas agora a crise financeira se transformou em crise monetária e portanto em crise da economia como um todo como vemos na Grécia, ou em Portugal ou outros países. Estamos em uma situação que é mais grave, falar de crise dá a sensação que é um buraco e depois voltamos a subir. Não é certo que a gente volte a subir.

No momento ele está fora de controle. Atualmente ele está fora de controle, ao mesmo tempo diretamente, a especulação, todo o trabalho dos traders e estas pessoas é enorme. Todos estes produtos que chamamos de produtos derivados, são coisas que representam muito mais do que as bolsas, os bancos, etc. Isto é uma coisa essencial e por outro lado isto não foi usado ou não levou à reconstrução ou a criação de uma nova cena social e política. Estamos portanto

VINHETA: "O capital está fora de controle?"

em uma situação que é mais grave do que uma crise, é uma crise mortal se você quiser. Que pode ser mortal, que não é necessariamente mortal, mas que pode ser.

Por enquanto eu diria que sim, que esta conclusão hoje me parece à primeira vista justa. É por isso que eu lhe dizia há pouco que falar de crise não é suficiente. É mais do que uma crise. Pode ser uma primeira etapa no caminho da catástrofe.

Durante trinta anos, sinceramente, durante trinta não fizemos quase nada na Europa. Não fizemos quase nada. E vimos até, no momento do tratado sobre Munich, quer dizer sobre Maastricht, Munich foi em 1928. No tratado de Maastricht vimos a França, vimos a Holanda, vimos países que refutavam este tratado. Finalmente adotamos um outro tratado, o de Lisboa, mas que é mais hesitante, mais limitado, etc. om, mas ainda assim durante estes trinta anos a Europa ficou como algo completamente vazia. Será que você pode imaginar uma moeda que não se baseia sobre nenhuma coerência econômica e nenhuma vontade política? Normalmente deveria fracassar, e pensamos que fracassaria. Porque começou com a Islândia, depois a Irlanda, a Grécia, o Portugal, a Itália, a Espanha, e por que não a França, etc. Mas na verdade, eu

VINHETA: "Rumo à catástrofe?"

VINHETA: "Catástrofe europeia"

FOTO: Palácio do governo em Maastricht

FOTO: Tratado de Lisboa

estou mais tocado pelo fato de que desde o caso Grego, fizemos progressos imensos. Primeiramente os alemães não queriam dar dinheiro aos gregos, mas lhes demos. Eles não queriam que o Banco Central Europeu desse dinheiro aos países com dificuldades, nós lhes demos, e muito. E agora, mesmo anteontem na reunião informal dos chefes de estado e dos governos, pudemos ouvir estas declarações de todo mundo, precisamos manter a Grécia. Isto não quer dizer que vamos mantê-la, isto quer dizer que nós, a Europa como conjunto europeu estamos conscientes de que seria melhor mantê-la, mas os europeus dizem que se os gregos não quiserem, quer dizer que se os gregos recusarem o acordo que foi feito com a Europa, o que é possível, não certo, mas possível, neste caso os gregos devem sair. E obviamente o que não podemos fazer indefinidamente é manter os gregos sem que eles cumpram o seu dever, sem que eles paguem o que eles devem pagar. Mas é em todo caso um fenômeno importante de constatar que os países europeus expressaram a consciência muito forte que a prioridade é de construir a Europa. E de chegar a uma integração mais real. A dificuldade é que os gregos foram grandes europeus, mas há 2500 anos. Os gregos que nós fizemos entrar na Europa são o Platão, o Aristóteles, o Péricles, mas não são os gregos de hoje, nem sequer os

gregos bizantinos. Era um tipo de escândalo intelectual dizer eu não incluo o país de Platão, Aristóteles, Ésquilo, de Sófocles, de Homero, de todos estes e todos os sábios gregos, dizer que não os incluímos quando eles são a principal fonte intelectual da modernidade europeia. Sim mas, eu também posso dizer isto, não sei, dos Egípcios, dizendo que eles foram na época faraós , ou então dos iraquianos dizendo que eles inventaram a escrita. Não é um motivo para dizer que o Iraque de hoje é um país europeu moderno. Estamos agora em uma situação, que de certa forma mostrou uma consciência muito forte dos europeus, muito mais forte do que imaginávamos, de que é preciso absolutamente construir a Europa. Eu diria então que a ideia europeia progrediu mais em três anos do que em trinta e três anos. E hoje, é impressionante ver que a ideia da desapareição do Euro é defendida apenas por pouquíssimos economistas, tem um artigo ainda no mundo de hoje, que inclusive é de um dos meus colegas, que é economista na escola de nossos estudos, que é a favor da desapareição do Euro, mas é realmente muito marginal. Porque a imensa maioria das pessoas e dos governadores e dos economistas, são favoráveis à construção da Europa.

ENTRA VINHETA DO COMERCIAL

BLOCO 2:

NARRADOR

Nesse bloco, o sociólogo Alain Touraine fala sobre os progressos que o Brasil fez nos últimos anos e sobre qual o papel do nosso país na nova ordem mundial.

TOURAINÉ

A questão é bastante simples, mas se você tivesse feito a pergunta de forma mais geral, ou seja, qual o papel dos BRICS, já que os chamamos assim, eu teria dito que a pergunta para mim nem faz sentido, esta categoria me parece ridícula e não tem nenhuma realidade. Não há nada em comum entre a Rússia que se recriou como estado mas que é hoje praticamente um país subdesenvolvido; a Índia que tem uma multiplicidade de problemas regionais e de línguas, etc; com a China que é uma realidade completamente diferente. A China tem uma unidade, ela funciona como um novo estado nacional e eu diria que o Brasil também. Então os novos países emergentes como dizem em inglês, são especialmente a China, de longe o mais importante, mas em um nível menos importante, mas que ainda assim tem sua importância, o Brasil. Isto não é verdade para a África do Sul que agora incluem nos BRICS, eu não sei porque, nem para a Índia, e para a Rússia também não.

ENTRA VINHETA DE RETORNO

VINHETA: “Qual o papel do Brasil na nova ordem mundial?”

Então eu acho que o Brasil, e eu vou até mais longe, porque eu sempre pensei há muito tempo, que a verdade histórica do Brasil é uma verdade mais forte do que a verdade da América Latina. Não é que eu esteja de acordo com o meu amigo Fernando Henrique Cardoso, para eliminar o México, e para dizer "vamos fazer uma união dos países da América do Sul." Eu acho que não há nenhuma razão, nem cultural, para não considerar o México como sendo parte da América Latina. Mesmo se economicamente ele faz parte da América do Norte. Mas culturalmente o México é um componente essencial da América Latina. Mas dito isto, o México está em uma crise espantosa, a Argentina continua em uma situação em que depende dos mercados externos de exportação, como sempre foi. A Argentina nunca entrou na via que foi recomendada por um grande economista argentino de criar industrialização, etc. O Brasil é o único país que tenha um mercado interno industrial, agora importante, e até mesmo que já tenha exportações industriais. Já me aconteceu diversas vezes de viajar para a Europa em aviões Embraer. Um avião não é a coisa mais complicada, mas ainda assim já são produtos bastante complexos. O Brasil exporta um produto tão complexo quanto um avião para a Europa que produz muitos aviões e que compra muitos aviões americanos. Há portanto uma integração

bastante interessante, que também não pode ser exagerada, porque a integração política do Brasil continua muito insuficiente.

O México tinha em teoria um aspecto federal, mas que na verdade era muito integrado politicamente com o PRI, partido único, o partido estado como um partido comunista, do ponto de vista do controle sobre a vida política, enquanto que o Brasil continua sendo um país muito pouco integrado politicamente. Mas ele é ainda assim cada vez mais integrado do ponto de vista educativo, do ponto de vista escolar. Há um fenômeno brasileiro extremamente importante, talvez o mais importante de todos, que é o fundo agrícola no interior do Brasil, Goiás, etc. E o fato que, qual é o maior país produtor de suco de laranja do mundo, não são os EUA, é o Brasil. É um fenômeno realmente novo. Quer dizer que o Brasil se desenvolveu em várias direções ao mesmo tempo, e portanto o Brasil de hoje não é mais o momento em que os grandes capitalistas de São Paulo eliminavam as terras agrícolas para colocar gado extensivamente ao norte comprando cem ou cento e cinquenta mil hectares e assassinando os líderes camponeses dos pequenos imigrantes do Nordeste e do Tocantins que tinham pego pequeno pedaços de terra para mal conseguir viver. Enquanto os capitalistas... Enfim, há hoje

VINHETA: “Integração política”

de forma muito interessante uma ausência de monopólio político de São Paulo. São Paulo é a capital econômica do país, não é a capital política do país, e os próprios paulistas aceitaram que se desse a prioridade à grandes investimentos, como em Recife por exemplo. Então sobre dar ao Nordeste uma importante base de indústrias, indústria naval ou indústria cirúrgica, etc, o que não era o caso antigamente, e então temos um desenvolvimento extremamente espetacular no interior do estado de São Paulo. Se pegarmos a ponta do estado de São Paulo, a região da Ruth Cardoso, Araraquara, não era nada, e hoje tem uma universidade, todo o estado de São Paulo é agora um estado moderno. E não apenas São Paulo, até o Rio, e também Curitiba, etc. Há portanto um grau de integração, eu diria que a América Latina em geral não fez progressos importantes em direção da formação de Estados Nacionais. O grande fenômeno da América Latina é a megalópole, no Chile, na Argentina a capital tem um terço ou a metade da população. Mesmo que o Brasil seja um país muito grande, o México é um país um pouco menor mas é um país grande, e então apesar da enormidade da Cidade do México, ou de São Paulo e do Rio, há ainda assim muitos centros no Brasil, e do lado do México se não houvesse as drogas veríamos que Monterrey e Guadalajara

FOTO: Ruth Cardoso

estariam em grande progresso, o que não é o caso agora porque quanto mais nos aproximamos da fronteira, mais são os cartéis das drogas que comandam. Mas eu acho que hoje, com certos limites, e sem exagerar nem um pouco, o Brasil fez indiscutivelmente progressos enormes para virar um Estado Nacional Integrado. Com diferenças regionais, mas que são provavelmente hoje, digamos a imagem do Nordeste, a miséria do Nordeste está em São Paulo hoje, em volta da rodoviária. Enquanto que se eu pegar um país como a Itália e eu quase poderia dizer que a Grã Bretanha também, eu acharia que as diferenças regionais estão aumentando, enquanto que no caso brasileiro, de forma muito insuficiente, mas há um pequeno início de diminuição do enorme nível das desigualdades. O Chile por exemplo virou tão desigual quanto o Brasil, enquanto ele era menos. Isso porque o Chile não fez nenhum progresso na época do Pinochet, o que é bastante natural, normal.

ENTRA VINHETA DE ENCERRAMENTO